

## MAIS QUE UM TESTEMUNHO, UM TRATADO SOBRE VOLUNTARIADO!

Uma vez no Verão, a Maria disse-me que eu devia pensar em visitar o projecto, mesmo num fim-de-semana, para ver o trabalho que lá tem sido feito. Ela sabe que eu tenho muito trabalho e que provavelmente não teria muito mais que um fim-de-semana livre. Isto pareceu-me uma grande ideia, mas quanto mais pensava nisso, mais me convencia que não fazia sentido voar a tão grande distância para lá estar 2 dias, pelo que decidi ir por 4 dias... alguns dias depois concluí que 2 dias no escritório numa semana não faria grande diferença... assim respondi à Maria que iria por uma semana! Penso que ela ficou um pouco chocada por eu faltar ao trabalho durante tanto tempo... e para ser honesto, os meus colegas também e até eu!

A única coisa em que eu não tinha pensado era no tempo... pouco antes de partir vi o apoiante do Dhaka Project de longa data Manuel De Souza que me disse que a água das monções dava pelo joelho e que eu precisava levar bota de borrachas de cano alto! Mas quem é que tem botas destas no Dubai? Não importa, teria que me molhar... mesmo que tivesse algumas, com a bagagem que a Maria tinha para eu levar para o projecto não havia modo de as arrumar... deste modo eu ria-me da ideia de pensar em caminhar pelo aeroporto do Dubai em calções e com botas de borracha!

Voando em direcção a Dhaka, com o sol de manhã cedo ainda a subir, a vista era um tapete com muita verdura salpicado por pequenos lagos de água... pareciam completamente idílicos até nos lembrarmos que as cheias das monções tinham varrido barracas dos bairros pobres, deixado pessoas sem casa e aumentado o número de doenças. Eu fiquei verdadeiramente extasiado quando a Maria e o Solaiman me foram buscar ao aeroporto porque eles tinham levado um transporte de pessoal com ar condicionado em vez dum richshaw.

Ia ficar na casa de hóspedes do The Dhaka Project, convenientemente localizada no meio do projecto. A Maria estava preocupada que eu não gostasse (*devido a estar acostumado ao estilo de hotéis de negócios*) e tinha feito grandes esforços na limpeza para o ter preparado para mim. De facto, ela ainda pensava que por não gostar dele eu deveria ficar num hotel... mas parecia não ter sentido fazer todo aquele trajecto e ficar a uma hora de caminho, desperdiçando 2 horas por dia no tráfego... e a casa de hóspedes para mim é mais linda que um hotel. É acolhedora, confortável, limpa e conveniente... Eu não teria desejado estar em mais lugar nenhum.

Passei o resto do meu primeiro dia num giro pelo projecto com o Rasel a ver os resultados espantosos que têm sido conseguidos em somente 2 curtos anos. É fenomenal. As 200 crianças na creche, pré-escola e escola primária, a escola de costura, a escola de cozinha, a escola de beleza, a loja de roupas, o cibercafé, as oficinas de soldadura e de carpintaria, a frota de rickshaws do Dhaka Project, a mercearia e claro as vaquinhas e a vitela do Dhaka Project! Ao entrar numa sala de aula, todas as crianças estavam em pé nos seus uniformes azuis bem limpos a cumprimentar-me num Inglês perfeito; fez-me sentir o coração bem quente. Na creche as crianças num instante formaram uma fila ordenada para esperar pela sua vez para serem levantadas tão alto quanto eu pudesse... e com sorrisos brilhantes iam tomar o seu lugar no fim da fila para conseguirem mais, como um comboio humano! Ver o que tinha sido conseguido, os níveis de educação e muitíssimo importante os sorrisos

intermináveis e a felicidade evidente nas caras das crianças fazem-nos dar conta o porquê de estarmos lá... e eu sabia que a Maria teria uma semana de trabalho duro para mim!

Todas as manhãs a Maria reunia com a sua equipa, Rasel, Solaiman, Jewel, Nayon e com os voluntários para entregar listas diárias de afazeres.

O meu primeiro trabalho foi ir às compras... que dificuldade pode haver nisso? Sem problemas; não iria demorar muito tempo... ou assim o pensei eu! É claro que não se consegue que os fornecedores façam entregas regulares de alimentos e provisões de carácter geral para o funcionamento do projecto isso seria fácil demais! O Rasel e eu saímos num rickshaw durante um dia a palmilhar várias áreas à volta da cidade, a regatear e a procurar os produtos da nossa lista porque não nos atrevíamos a aparecer perante a Maria com a lista incompleta! Comprámos sacos de batatas e legumes, mesas e cadeiras para a escola, bicicletas, especiarias, leitores de cassetes para as aulas, água, sapatos para os miúdos e até um microondas... e lá eu perguntava-me como é que tudo isto seria suposto caber num rickshaw? Felizmente, terminámos numa área da cidade chamada Tongi, que tinha um odor único e muito peculiar que se infiltra nas nossas roupas como o fumo numa fogueira... só que não era tão agradável! Porém, é um lugar muito bom para comprar provisões a muito bom preço... e acontece que também se pode alugar camionetas aqui! Assim, planeámos o nosso caminho de volta para o projecto através de Dhaka, parámos e recolhemos tudo pelo caminho... já depois do escurecer... estávamos já quase a acabar a lista, mas tínhamos procurado acima e abaixo e não tínhamos conseguido encontrar um item berços para a creche. Felizmente o Rasel conseguiu encontrar um carpinteiro local que os poderia fazer num dia ou dois, assim pelo menos poderíamos dizer à Maria que tínhamos completado a lista! Terminei o dia desidratado, exausto e malcheiroso depois de ter corrido por todo o lado como uma galinha tonta durante todo o dia, mas o Rasel e eu estávamos muito satisfeitos por ter completado a lista e não chegaríamos a jeito de a Maria nos dar um raspanete (*ela é Portuguesa, podem imaginá-la como uma rigorosa governanta Alemã!*)

Durante o resto da minha estadia no projecto todos os dias me era dado um pacote de tarefas chatas: distribuição de provisões, pintura das creches, trabalho de administração como ajudar nas contas e nas propostas escritas. A administração não é definitivamente algo para que a Maria tenha muito tempo quando está em Dhaka, e tenho a certeza que não é coisa de que ela goste... por sorte chegou um anjo na forma de Cristiana, uma voluntária de Portugal... que por acaso até aconteceu tratar-se de uma auditora por profissão, do qual a Maria não tinha qualquer ideia até ela chegar. Ela foi de uma ajuda espectacular para a Maria se entender com uma longa lista de contas atrasadas e no trabalho de administração a ser feito.

Em Dhaka, a Maria parece uma mulher possessa, completamente diferente da Maria que eu conhecia do Dubai. Trabalha de manhã à noite, corre por todo o lado como uma louca, em troca de ideias com as pessoas da comunidade, pais das crianças que precisam de ajuda, supervisionando o nosso trabalho para se assegurar que as listas de tarefas são executadas, a trabalhar noutras iniciativas como o planeamento dum novo centro médico, de algum modo tentando gatinhar no trabalho de administração, e no uso precioso de algum tempo com os miúdos cujas vidas ela mudou para sempre.

Não sei como é que ela consegue; só observá-la já é exaustivo! Já para não falar nas frustrações para que as coisas sejam feitas em Dhaka... cortes de energia constantes com a consequente perda de todas as suas contas e trabalho de administração quando os computadores encravam, e há comunicações deficientes comuns a um país como aquele por exemplo, ela pediu que se comprassem extintores, mas em vez disso apareceram máscaras de gás!! Durante a minha estadia, houveram alguns protestos que resultaram em recolher

obrigatório, a polícia anti-motin estava na rua em força e houveram alguns recontros... isto quer dizer que não havia energia e as telecomunicações não existiam, eu não podia telefonar, mas recebi uma chamada do escritório onde os meus colegas estavam preocupados porque tinham ouvido dizer que alguém tinha sido morto nos motins. Mas tal como qualquer grande cidade do oeste, isto estava a acontecer só em certas áreas e nós estávamos perfeitamente seguros sem problema, apenas restringiu um pouco o nosso sucesso nas tarefas e no trabalho que poderíamos fazer, atrasando tudo uma vez mais. Sangue, suor e lágrimas vêm-nos à ideia... as coisas podem ser tão frustrantes lá... um pequeno trabalho, fácil de levar a cabo num lugar como o Dubai, pode demorar dias em Dhaka. Vindo de um ambiente de negócios, para mim, a Maria definitivamente trabalha de um modo nada ortodoxo... e tivemos algumas discussões acaloradas sobre como cada um de nós pensava ser o melhor modo de conseguir que as coisas fossem feitas, mas o que importa é que ela obtém resultados, não como os consegue; e os resultados são evidentes.

Num país onde as pessoas muitas vezes vivem com menos de 1 dólar por dia, 80 % da exportação são têxteis e é difícil persuadir os pais a deixarem ir os filhos à escola (porque podiam estar a trabalhar), onde o lixo alinha as ruas e as barracas dos bairros de lata parecem alinhar os intermináveis cursos de água, onde muitos adultos parecem ter perdido a esperança nas suas vidas não se atrevendo a ter qualquer ambição, é impressionante ver o The Dhaka Project florescer do sangue, suor, sorrisos e lágrimas que a Maria lá derramou durante os últimos 2 anos. O facto de ela o ter feito enquanto mantém o seu trabalho é um atestado da sua dedicação e do apoio e paciência do seu patrão. Pode ver-se a esperança e a ambição nos olhos das crianças, elas atrevem-se a sonhar enquanto os seus pais não o conseguem e se lhes perguntarmos o que querem fazer quando forem grandes eles dizem que querem ser pilotos, doutores, professores e claro, como Maria, hospedeiras.

Houveram duas coisas que me chocaram durante os meus últimos dias no projecto.

Na minha última Sexta-Feira, eu e a Cristiana fomos ao centro de Dhaka para ver alguns lugares, o parlamento e à frente dele, o mausoléu do Presidente Zia. O que nos chocou foi o aspecto limpo e perfeito do enorme parque que cerca o mausoléu, sem lixo, sem sujidade, relva perfeitamente aparada e os caminhos a cercar o túmulo com as suas paredes perfeitamente limpas. É fácil pensar que é um desperdício o esforço de tentar fazer a diferença num lugar como Dhaka, nunca nos veremos livres do lixo e da sujidade, mas sabem fazê-lo e o seu monumento ao Presidente Zia é a prova de que Dhaka pode ser um lugar limpo.

Em segundo lugar, eu levei alguns livros do sodoku para Dhaka, para ensinar a algumas das crianças como se joga este jogo que parece ter atraído muita gente nos últimos anos. Sentei-me com um dos alunos que tinha 12 anos e desejoso de aprender. Dois anos antes ele estava nos bairros de lata, nunca tinha ido à escola, não sabia falar, ler nem escrever em Inglês e estou a supor que também não sabia ler nem escrever em Bangla. Mesmo assim ele aprendeu a jogar sodoku em menos de meia hora. O seu modo lógico e metódico de resolver cada problema, levou a que depois de cometer erros e a aprender as regras no primeiro 'puzzle' ele completou os outros perfeitamente sem erros... Fiquei também a saber que ele terminou os 3 livros que lhe deixei em poucos dias! Ele tem esperança, tem ambição e graças à Maria tem a oportunidade de desenvolver todo o seu potencial. Que sucesso notável!

Tendo passado uma semana no projecto, cheio de muitas emoções diferentes e opostas, estava feliz por voltar para o Dubai, mas também triste por partir. Uma vez regressado ao Dubai dei uma vista de olhos sobre o modo como as outras caridades gastam o seu dinheiro e

fiquei entristecido, chocado e um pouco zangado por descobrir que as estatísticas variam de 30% a 90% gasto a gerir escritórios, em administração e despesas gerais.

Uma das belezas do The Dhaka Project é que 100% do dinheiro vai para as pessoas que dele precisam. A Maria não tira salário para si, porque ainda tem o seu trabalho, de facto ela até paga os seus vôos para e de Dhaka à sua conta.

Que não se espere relatórios perfeitos nem opiniões profissionais tem que se pagar por isso assim se desejarmos uma publicidade cara e um apoio administrativo assustador, definitivamente devemos trabalhar para outra caridade. Mas se quisermos que os nossos donativos vão realmente para os que deles necessitam, então este projecto é para nós... mas que ninguém espere que a Maria responda a todos em pessoa, se o fizesse não teria tempo para tocar o projecto para a frente! Se tiver tempo para se voluntarizar e ir a Dhaka, tenho a certeza que ela ficará muito feliz pela assistência e posso recomendá-lo como uma experiência muito compensadora... eu surpreendi-me a mim próprio indo por uma semana, mas tenho um pressentimento que ainda posso surpreender-me de novo e voltar lá!!!